



Observância de dias

Gostaria de compreender melhor Romanos 14:5 e 6. Não seria esta passagem uma negação do quarto mandamento, que requer a observância do sábado? A. J. C.

Em Romanos 14, Paulo não discute questões essenciais. Ele não se refere ao que é claramente enunciado na lei de Deus quanto à observância do dia bíblico de repouso. Se estivesse falando sobre o sábado, estaria em contradição, pois ele era um fiel observador do sétimo dia. (Ver Atos 17:2, cf. Lucas 4:16.)

O assunto, portanto, é de outra natureza. Os “dias” que poderiam ou não ser guardados referiam-se àqueles tradicionais dos judeus, ligados a sua história nacional que alguns crentes de origem judaica observavam escrupulosamente (como a páscoa, pentecostes, etc.), enquanto outros julgavam não dever levar em conta tais festas nacionais, vinculadas à lei judaica, da qual se haviam desligado ao abraçarem o cristianismo.

Comentaristas de renome interpretam essa passagem nessa linha de raciocínio. E alguns até citam o exemplo dos essênios, que eram escrupulosos quanto à abstenção de carne e vinho e que acrescentavam certos dias de festa ao calendário judaico regular. Raoul Dederen, conhecido e respeitado teólogo adventista, afirma: “O debate sobre esta questão existia no judaísmo antes do advento do cristianismo. Não se teria dado o caso de essa controvérsia ter sido transferida à

igreja cristã, achando-se refletida em Romanos 14? Nesse caso, a atitude do fraco pode ser comparada com a do costume dos cristãos primitivos, indicada no *Didaquê* sobre jejuar duas vezes por semana. Não é significativo e relevante ao mesmo tempo que tenhamos aqui uma questão de regime alimentar e observância de dias, conjugados num tema controverso?” — *On Esteeming One Day Better Than Another?* Raoul Dederen (Suplemento da revista *Ministry*, agosto de 1971), pág. 18.

O Dr. Dederen, pelo que se vê na afirmação acima, admite que Paulo está se referindo à prática de abstinência e jejum em datas fixas regulares. O *Didaquê* 8:1, por exemplo, admoesta os cristãos a não jejuarem com os hipócritas no segundo e quinto dias da semana, mas sim, no quarto e sexto dias. Pela maneira amena de Paulo tratar a questão em Romanos 14, chega-se à conclusão de que o problema ali referia-se a questões não essenciais, diferentemente do que se dava nas instruções aos gálatas concernentes ao apego deles a certos “dias, e meses, e tempos, e anos” (Gál. 4:10).

Conclui-se, pois, que Romanos 14 não está falando do dia de repouso prescrito no quarto mandamento. Toda vez que a Bíblia faz alusão ao Dia do Senhor, ela é bem clara e específica. Por exemplo: Lucas 23:54-56 e Apocalipse 1:10. No primeiro caso, vemos os seguidores de Jesus observando o sábado “conforme o mandamento”, após a morte de Cristo na cruz. O verso seguinte (Lucas 24:1) revela que o dia imediato foi um 1º dia da semana. E o relato disso foi escrito cerca de 30 anos após o acontecimento.

Em Apocalipse 1:10, o vidente João situa-se no espaço (ilha de Patmos) e no tempo (no dia do Senhor). Que esse “dia do Senhor” se refere ao sábado, e

não ao domingo, está muito claro pelo consenso do ensino bíblico a respeito do quarto mandamento da lei moral de Deus. Isso também destrói a idéia que alguns sustentam de que na Era Cristã, com base em Romanos 14:5 e 6, é indiferente observar ou não um dia para o Senhor.

Diante das palavras de Cristo de que “o sábado foi estabelecido por causa do homem” (Mar. 2:27), como esses que assim pensam poderão permanecer impunes ante a falta de respeito por uma instituição divina, enunciada num claro “assim diz o Senhor”?

Os números não batem

Em I Crônicas 21:5, o resultado do censo que Davi mandou fazer dos homens de guerra não bate com o do censo de II Samuel 24:9. Por que essa discrepância? M.S.

Para que se possa fazer uma comparação, eis os dados:

	<i>Crônicas</i>	<i>Samuel</i>
Israel	1.100.000	800.000
Judá	470.000	500.000
	1.570.000	1.300.000

Alguns acham que o total referente a Israel em I Crônicas 21:5 esteja incluindo o exército de prontidão mencionado em I Crônicas 27:1-15. Em números redondos, isso iria a 1.100.000. Os 500.000 mencionados por Samuel para os homens de Judá podem constituir também um número redondo referente ao dado mais preciso do livro de Crônicas: 470.000.

Outros admitem que o total de 1.100.000 deva incluir estimativas das tribos de Levi e Benjamim, cujo censo não foi

realizado (I Crônicas 21:6). O Comentário Adventista sugere: “Talvez a diferença possa ser encontrada entre os “homens valentes” aqui mencionados e “todos os de Israel”, em I Crônicas 21:5, considerando-se o grupo anterior como tropas à disposição para o cumprimento de obrigações, e o último, com a inclusão das unidades de reserva.

Oração da fé

Tiago defende a “extrema-unção” no capítulo 5:14 e 15 de sua carta? D. L.

A passagem não se refere apenas a uma enfermidade “extrema” que leve alguém à morte. A finalidade da visita dos presbíteros — a unção com óleo, etc. — é fazer com que a pessoa seja restaurada (ver versos 15 e 16).

A igreja primitiva não atribuiu qualquer eficácia sacramental à cerimônia da unção. Mas, a partir do século VIII, a passagem começou a ser usada em defesa da prática daquilo que os católicos chamam de extrema-unção. Em 1551, o Concílio de Trento declarou que Tiago atribuiu eficácia sacramental ao óleo. Mas não há apoio bíblico para isso.

Quanto ao perdão dos pecados, Tiago se refere especialmente aos que causaram, pelo menos em parte, a doença (ver Marcos 2:5). Deve-se entender, entretanto, que o perdão não é concedido pelo mero unguir com óleo, mas como resultado de arrependimento sincero.

Perguntas para:
CONSULTORIA
DOCTRINÁRIA
Caixa Postal 34
18270-000 Tatuí, SP